



Série
Memórias do Espiritismo

Fotos e ilustrações da página anterior (de cima para baixo, a partir da esquerda):

Gabriel Delanne, Bezerra de Menezes, Allan Kardec, Leon Denis; William Crookes, Alfred Russel Wallace, Alexander Aksakof, Oliver Lodge;

Yvonne do Amaral Pereira, Alfred Binet, Ernesto Bozzano, Arthur Conan Doyle;

Hercílio Maes, Caibar Schutel, Gustavo Geley, Eurípedes Barzanulfo;

Victor Hugo, Charles Robert Richet, Cesare Lombroso, Pierre Gaetan Leymarie;

Andrew Jackson Davies, Camille Flammarion, Francisco Cândido Xavier, Emanuel Swedenborg.

Reconhecemos a ausência de inúmeros expoentes do espiritismo nesta galeria de imagens. Em razão do limitado espaço, escolhemos apenas algumas personalidades ilustres para representar todos aqueles que gostaríamos de homenagear.

Cristianismo e Espiritismo

© 2022 – Conhecimento Editorial Ltda

Cristianismo e Espiritismo

Provas experimentais

Relações com os espíritos dos mortos

Christianisme & Spiritisme

Léon Denis

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação –, sem permissão, por escrito, do Editor.

Tradução: Maria Alice Farah Antonio

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da capa: Shutterstock

ISBN 978-65-5727-137-7

1ª edição – 2022

• Impresso no Brasil • *Presita em Brasília*

Produzido no departamento editorial da

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – 13485-150

Fone: 19 3451-5440 — Limeira – SP



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Denis, Léon

Cristianismo e Espiritismo: Provas experimentais : relações com os espíritos dos mortos : a doutrina dos mortos : a nova revelação / Léon Denis ; tradução de Maria Alice Farah Antonio – 1ª ed. – Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2022.

298 p. (Série Memórias do Espiritismo)

ISBN: 987-65-5727-137-7

Título original: *Christianisme & Spiritisme*

1. 2. 3. I. Título II. Antonio, Maria Alice Farah

22-2784

CDD – 133.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritismo

Léon Denis

Cristianismo e Espiritismo

Provas experimentais

Relações com os espíritos dos mortos

A doutrina secreta

A nova revelação

Vitam impendere vero
[Consagrar a vida à verdade]

Tradução
Maria Alice Farah Antonio

1ª edição
2022



LÉON DENIS

CHRISTIANISME & SPIRITISME

reuves Expérimentales
de la Survivance

RELATIONS AVEC LES ESPRITS DES MORTS

LA DOCTRINE SECRÈTE

LA NOUVELLE RÉVÉLATION

Vitam impendere vero.

Nouvelle édition considérablement augmentée.

SEPTIÈME MILLE

PARIS

LIBRAIRIE DES SCIENCES PSYCHIQUES

42, RUE SAINT-JACQUES, 42

1910

Tous droits réservés.

Sumário

Introdução	9
Prefácio da nova edição.....	17
I – Origem dos Evangelhos	25
II – Autenticidade dos Evangelhos	29
III – Sentido oculto dos Evangelhos	35
IV – A Doutrina Secreta.....	42
V – Relações com os Espíritos dos Mortos	51
VI – Alteração do Cristianismo. Os Dogmas.....	67
VII – Os Dogmas (<i>continuação</i>), os Sacramentos, o Culto.....	78
VIII – Decadência do Cristianismo	103
IX – A Nova Revelação. O Espiritismo e a Ciência	145
X – A Nova Revelação. A Doutrina dos Espíritos.....	199
XI – Renovação	224
Conclusão	245

Notas complementares

Nº 1 – Sobre a autoridade da Bíblia e as origens do Antigo Testamento.....	249
Nº 2 – Sobre a origem dos Evangelhos.....	255
Nº 3 – Sobre a autenticidade dos Evangelhos	257
Nº 4 – Sobre o sentido oculto dos Evangelhos	259
Nº 5 – Sobre a Reencarnação	260
Nº 6 – Sobre as relações dos primeiros cristãos com os Espíritos.....	263
Nº 7 – Os fenômenos espíritas na Bíblia	272
Nº 8 – Sobre o sentido atribuído às expressões deuses e demônios	279

Nº 9 – Sobre o perispírito ou corpo sutil; opinião dos Pais da Igreja.....	281
Nº 10 – Galileu e a Congregação do Index.....	284
Nº 11 – Pio X e o Modernismo.....	287
Nº 12 – Os fenômenos espíritas contemporâneos; provas da identidade dos Espíritos	289
Nº 13 – Sobre a telepatia	294
Nº 14 – Sobre a sugestão ou a transmissão do pensamento.....	295

INTRODUÇÃO

Não foi um sentimento de hostilidade ou de rancor que ditou estas páginas. Rancor, não sentimos por nenhuma ideia, por pessoa alguma. Quaisquer que sejam os erros ou as faltas dos que recorrem ao nome de Jesus e de sua doutrina, o pensamento do Cristo em nós desperta apenas um sentimento de profundo respeito e de sincera admiração. Educado na religião cristã, sabemos tudo o que ela encerra de poesia e de grandeza. Se abandonamos o domínio da fé católica pelo da filosofia espírita, não esquecemos, por isso, as lembranças da nossa infância, o altar adornado de flores diante do qual se curvava a nossa fronte juvenil, a grande harmonia dos órgãos, sucedendo aos cantos graves e profundos, e a luz filtrada pelos vitrais coloridos, que se projetava nas lajotas, entre os fiéis prosternados. Não esquecemos que a cruz austera estende os seus braços por sobre o túmulo dos que mais amamos neste mundo. Se há para nós, entre todas, uma imagem mais venerável e sagrada, é a do supliciado do Calvário, do mártir pregado à cruz da infâmia, ferido, coroado de espinhos e que, agonizante, perdoa aos seus carrascos.

Ainda hoje, é com uma atenção emocionada que escutamos os longínquos apelos dos sinos, às vozes de bronze, indo acordar os ecos sonoros dos vales e bosques. E, nas horas de tristeza, gostamos de meditar na igreja solitária e silenciosa, sob a penetrante influência que nela acumularam as preces, as aspirações, as lágrimas de tantas gerações.

Porém, uma questão se impõe, questão que muitos resolveram pelo estudo e a reflexão. Todo esse aparato que enter-

nece os sentidos e toca o coração, todas essas manifestações artísticas, a pompa do ritual romano e o aparato das cerimônias não são como um véu brilhante que oculta a pobreza da ideia e a insuficiência do ensino? Não foi o sentimento da sua impotência para satisfazer as elevadas faculdades da alma, a inteligência, o julgamento e a razão, o que levou a Igreja para o caminho das manifestações exteriores e materiais?

O protestantismo, ao menos, é mais sóbrio. Se desdenha as formas, a decoração, é para melhor fazer ressaltar a grandeza da ideia. Ele estabelece a autoridade exclusiva da consciência e o culto do pensamento, e de graus em graus, de consequências em consequências, leva logicamente ao livre exame, ou seja, à filosofia.

Sabemos tudo o que a doutrina de Cristo encerra de sublime; sabemos que ela é por excelência a doutrina do amor, a religião da piedade, da misericórdia, da fraternidade entre os homens. É essa a que ensina a Igreja romana? A palavra do Nazareno nos chegou pura e sem mescla, e a interpretação que dela nos dá a Igreja está isenta de todo elemento parasita ou estranho?

Não há questão mais grave, mais digna da meditação dos pensadores, como da atenção de todos os que amam e buscam a verdade. É isso o que nos propomos examinar na primeira parte desta obra, com o auxílio e a inspiração dos nossos guias do espaço, descartando tudo o que poderia perturbar as consciências, atizar as más paixões, fomentar a divisão entre os homens.

Esse trabalho, na verdade, foi empreendido por outros antes de nós. Mas seu objetivo, seus meios de investigação e de controle diferiam dos nossos. Procuraram menos edificar do que destruir, ao passo que, antes de tudo, quisemos fazer obra de reconstituição e de síntese. Esforçamo-nos para tirar da sombra das idades, da confusão dos textos e dos fatos, o pensamento mestre, pensamento de vida, que é, ao mesmo tempo, a fonte pura, o foco intenso e radioso do cristianismo, e a explicação dos estranhos fenômenos que caracterizam as suas origens. Esses fenômenos, sempre renováveis, se renovam, com efeito, todos os dias aos nossos olhos e podem

ser explicados pelas leis naturais. Nesse pensamento oculto, nesses fenômenos até então inexplicados, mas que uma nova ciência observa e registra, encontramos a solução dos problemas que, há tantos séculos, pairam acima da razão humana: o conhecimento da nossa verdadeira natureza e a lei dos nossos destinos evolutivos.

Uma das maiores objeções dirigidas ao Cristianismo pela crítica moderna é que a sua moral e a sua doutrina da imortalidade repousam sobre um conjunto de fatos ditos “miraculosos”, que o homem esclarecido sobre a ação das leis da natureza, hoje não poderia admitir.

Se milagres, acrescentam, puderam ser outrora necessários para basear a crença no Além, eles seriam menos necessários em nossa época de dúvida e de incredulidade? E, além disso, a que causa atribuir esses milagres? Não é, como alguns pretendem, à natureza divina de Cristo, já que seus discípulos igualmente os obtinham.

A questão será esclarecida por uma viva luz e as afirmações do cristianismo relativas à imortalidade adquirirão mais força e autoridade, se for possível estabelecer que esses fatos, ditos “miraculosos”, se produziram em todos os tempos, particularmente em nossos dias; que eles são o resultado de causas livres, invisíveis, agindo perpetuamente, e submetidas a leis imutáveis, se neles, em suma, não mais vemos milagres, mas fenômenos naturais, uma forma da evolução e da sobrevivência do ser.

Está precisamente aí uma das consequências do espiritismo. Por um estudo aprofundado das manifestações do além-túmulo, ele demonstra que esses fatos ocorreram em todas as épocas, quando as perseguições não lhes colocavam obstáculos; que quase todos os grandes missionários, os fundadores de seita e de religião foram médiuns inspirados; que uma comunhão permanente une duas humanidades, ligando os habitantes do espaço aos do mundo terreno.

Tais fatos se reproduzem em torno de nós com nova intensidade. Já há cinquenta anos aparecem formas, vozes são ouvidas, chegam-nos mensagens por via tipológica ou de incorporação, assim como pela escrita automática. Provas de

identidade, em massa, vêm revelar-nos a presença de nossos próximos, dos que na Terra amamos, que foram a nossa carne e o nosso sangue, e dos quais a morte nos havia momentaneamente separado. Por suas conversas, por seus ensinamentos, aprendemos a conhecer esse Além misterioso, objeto de tantos sonhos, discórdias e contradições. As condições da vida futura se precisam em nosso entendimento. A obscuridade que reinava sobre tais questões dissipa-se. O passado e o futuro se esclarecem até nas suas mais íntimas profundezas.

Assim o espiritismo, dando-nos as provas naturais e tangíveis da imortalidade, nos conduz às puras doutrinas cristãs, ao próprio cerne do Evangelho, que a obra do catolicismo e a lenta edificação dos dogmas recobriram de tantos elementos díspares e estranhos. Por seu estudo escrupuloso do corpo fluídico ou perispírito, ele torna mais compreensíveis, mais aceitáveis os fenômenos de aparição e de materialização sobre os quais o cristianismo repousa.

Estas considerações farão sobressair melhor a importância dos problemas suscitados no curso desta obra, e cuja solução oferecemos, apoiando-nos ao mesmo tempo nos testemunhos de pesquisadores imparciais e esclarecidos e nos resultados de experiências pessoais, realizadas continuamente há mais de trinta anos.

Sob esse ponto de vista, a oportunidade deste trabalho não poderia escapar a ninguém. Nunca a necessidade de explicação das questões vitais, às quais se acha estreitamente ligado o destino das sociedades, se fez sentir de maneira mais imperiosa. Cansado de dogmas obscuros, de teorias interesseiras, de afirmações sem provas, o pensamento humano há muito tempo se deixou invadir pela dúvida. Uma crítica inexorável passou pelo crivo todos os sistemas. A fé se extinguiu em sua fonte; o ideal religioso se velou. Ao mesmo tempo que os dogmas, as elevadas doutrinas filosóficas perderam o seu prestígio. O homem esqueceu simultaneamente o caminho dos templos e o dos pórticos da sabedoria.

Para qualquer um que observe atentamente as coisas, os tempos em que vivemos estão cheios de ameaças. Nossa civilização parece brilhante, mas quantas máculas lhe ofuscam o

brilho! O bem-estar e a riqueza espalharam-se, mas é por suas riquezas que uma sociedade se engrandece? O objetivo do homem na Terra é levar uma vida faustosa e sensual? Não! Um povo não é grande, um povo apenas se eleva pelo trabalho, pelo culto da verdade e da justiça.

O que aconteceu com as civilizações do passado, aquelas em que as pessoas não se preocupavam senão com o corpo, com as suas necessidades e com suas fantasias? Elas estão em ruínas; estão mortas.

Reencontramos, precisamente em nossa época, as mesmas tendências perigosas que as perderam. São aquelas que consistem em tudo colocar na vida material, em constituir fim e objetivo da existência a conquista dos prazeres físicos. A crítica e a ciência materialistas estreitaram os horizontes da vida. Elas acrescentaram às tristezas da hora presente a negação sistemática, a ideia arrasadora do nada. E assim agravaram todas as misérias humanas; tiraram do homem, com suas mais seguras armas morais, o sentimento de suas responsabilidades. Abalaram até às suas profundezas as próprias bases do *eu*.

Assim, pouco a pouco, os caracteres se abatem, a venalidade cresce, a imoralidade se estende como uma imensa ferida. O que era sofrimento tornou-se desespero. Os casos de suicídio atingiram proporções até então desconhecidas. Coisa monstruosa, jamais vista em nenhuma outra época, este flacelo do século atinge até as crianças.

Contra essas doutrinas de negação e de morte os fatos falam hoje. Uma experimentação metódica, prolongada, nos conduz a esta certeza: o ser humano sobrevive à morte e o seu destino é obra sua.

Os fenômenos se multiplicaram, inúmeros, trazendo dados novos sobre a natureza, da vida e da ininterrupta evolução do seres. A ciência devidamente os constatou. Agora, é importante interpretá-los, torná-los explícitos e, sobretudo, extrair sua lei, suas consequências e tudo o que deles pode resultar para a existência individual e social.

Esses fatos vão despertar no fundo das consciências as verdades adormecidas. Eles restituirão ao homem a esperan-

ça, com o elevado ideal que esclarece e fortifica. Ao provar que não morremos inteiramente, eles dirigirão os pensamentos e os corações para essas vidas ulteriores em que a justiça encontra seu cumprimento.

Por meio disso, todos compreenderão que a existência tem um objetivo, que a lei moral é uma realidade e que tem uma sanção; que não há sofrimentos inúteis, trabalho sem proveito, provas sem compensação; que tudo é pesado na balança do divino Justiceiro.

Em lugar desse campo fechado da vida, em que os fracos sucumbem fatalmente, em lugar dessa cega e gigantesca máquina do mundo que tritura as existências e da qual nos falam as filosofias negativas, o Novo Espiritualismo fará surgir, aos olhos dos que buscam e dos que sofrem, a poderosa visão de um mundo de equidade, de justiça e de amor, onde tudo é regulado com ordem, sabedoria e harmonia.

Então o sofrimento será atenuado, o progresso do homem assegurado, o seu trabalho santificado; a vida se revestirá de maior dignidade e grandeza.

Porque o homem tem tanta necessidade de uma crença como de uma pátria, como de um lar. É o que explica que formas religiosas, caducas e envelhecidas, mantenham ainda os seus adeptos. Há no coração humano tendências e necessidades que nenhum sistema negativo poderá jamais satisfazer. Apesar da dúvida que a aflige, desde que a alma sofre, instintivamente ela se volta para o céu. O que quer que faça, o homem reencontra o pensamento de Deus tanto nas cantigas de ninar, nos sonhos da sua infância, como nas silenciosas meditações da maturidade. Em certas horas, o mais ferrenho cético não pode contemplar o infinito estrelado, a trajetória dos milhões de sóis que se realiza na imensidão, nem passar diante da morte, sem respeito e sem perturbação.

Acima das vãs polêmicas, das desavenças estéreis, há uma coisa que escapa a todas as críticas: é essa aspiração da alma humana a um Ideal eterno, que a sustenta em suas lutas, consola nas suas provações, e a inspira nas horas das grandes resoluções; é essa intuição que, por trás da cena em que se desenrolam os dramas da vida e o grandioso espetá-

culo da natureza, oculta-se um Poder, uma Causa suprema, que lhes regulou as fases sucessivas e traçou as linhas de sua evolução.

Mas onde encontrará o homem a segura via que o conduzirá a Deus? De onde ele extrairá a forte convicção que, de etapa em etapa, o guiará através dos tempos e do espaço, para a suprema finalidade das existências? Em uma palavra, qual será a fé do futuro?

As formas materiais e transitórias da religião passam; quanto à ideia religiosa, à crença pura, livre de todas as formas inferiores é, em sua essência, indestrutível. O ideal religioso evoluirá, como todas as manifestações do pensamento. Ele não poderia escapar à lei do progresso que governa os seres e as coisas.

A fé do futuro, já surge do seio da sombra, não será nem católica nem protestante; será a crença universal das almas, a que reina sobre todas as sociedades evoluídas do espaço, e pela qual cessará o antagonismo que separa a ciência atual da religião. Pois, com ela, a ciência tornar-se-á religiosa, e a religião, científica. Ela se apoiará na observação, na experiência imparcial, nos fatos milhares de vezes repetidos. Mostrando-nos as realidades objetivas do mundo dos Espíritos, dissipará todas as dúvidas, acabará com as incertezas; e abrirá a todos infinitas perspectivas para o futuro.

Em certas épocas da história, passam sobre o mundo correntes de ideias que vêm arrancar a humanidade do seu torpor. Sopros vindos do alto animam a imensa vaga humana e, por eles, saem da sombra as verdades esquecidas na noite dos séculos. Elas surgem das mudas profundezas em que dormem os tesouros das forças ocultas, onde se combinam os elementos renovadores, onde se elabora a obra misteriosa e divina. Elas se manifestam sob inesperadas formas; reaparecem e revivem. A princípio ignoradas, ridicularizadas pela multidão, prosseguem impassíveis, serenas, o seu caminho. E chega um dia em que somos obrigados a reconhecer que essas verdades desdenhadas vinham oferecer o pão da vida, o cálice da esperança, a todas as almas sofredoras e dilaceradas; que nos traziam uma nova base de ensinamento e, talvez

também, um meio de reabilitação moral.

Tal é a situação do moderno Espiritualismo, em que renascer tantas verdades ocultas há séculos. Ele resume em si as crenças dos sábios e dos antigos iniciados, a fé dos primeiros cristãos e a de nossos pais, os celtas; ele reaparece sob mais poderosas formas, para dirigir uma nova e ascendente etapa da marcha da humanidade.

Prefácio da nova edição

Desde a publicação desta obra, passaram-se dez anos. A História desenvolveu sua trama e consideráveis acontecimentos se realizaram em nosso país. A Concordata foi denunciada. O Estado rompeu o laço que o unia à Igreja Romana. Exceção em alguns pontos, foi com uma espécie de indiferença que a opinião pública acolheu as medidas de rigor adotadas pelo poder civil contra as instituições católicas.

De onde vem esse estado de espírito, essa desafeição, não apenas local, mas quase generalizada, dos franceses pela Igreja? Do fato de ela não ter realizado nenhuma das esperanças que havia feito nascer. Ela não soube compreender, nem desempenhar o seu papel e os seus deveres de educadora e de condutora de almas.

Há um século, a Igreja Católica atravessava uma das mais tremendas crises de sua história. Na França, a Separação veio acentuar esse estado de coisas e torná-lo mais agudo.

Repudiada pela sociedade moderna, abandonada pela elite intelectual do mundo, em perpétuo conflito com o direito novo, que jamais aceitou; em contradição quase em todos os pontos essenciais com as leis civis de todos os países, incompreendida e odiada pelo povo e, principalmente, pelo mundo operário, já não resta à Igreja mais do que um punhado de adeptos entre as mulheres, as crianças e os idosos. O futuro não mais lhe pertence, já que a educação da juventude acaba de lhe ser tirada, não sem alguma brutalidade, pelas recentes leis da República francesa.

Eis, no limiar do século XX, o balanço atual da Igreja ro-

mana. Gostaríamos, em um estudo imparcial, até respeitoso, investigar as causas profundas desse eclipse do poder eclesiástico, eclipse parcial ainda, mas que ameaça se tornar total e definitivo em um futuro próximo.

A Igreja é atualmente impopular. Ora, nós vivemos em uma época em que a popularidade, essa consagração dos novos tempos, é indispensável à preservação das instituições. Quem não possuir essa característica, não tardará a perecer no isolamento e no esquecimento.

Como chegou a Igreja Católica a esse ponto? Foi porque muito negligenciou a causa do povo. A Igreja só foi verdadeiramente democrática e popular em suas origens, quando o espírito de Jesus estava com ela, durante os tempos apostólicos, período de perseguição e de martírio; e é o que então explicava a sua força de proselitismo, a rapidez de suas conquistas, o seu poder de persuasão e de expansão. A partir do dia em que foi oficialmente reconhecida pelo Império, a partir da conversão de Constantino, tornou-se a amiga dos Césares, a aliada e, por vezes, a cúmplice dos poderosos e dos fortes. Entrou na era estéril das argúcias teológicas, das querelas bizantinas e, a partir desse momento, tomou sempre ou quase sempre o partido do mais forte. Feudal na Idade Média, essencialmente aristocrática sob Luiz XIV, só fez à Revolução concessões forçadas e tardias. Todas as emancipações intelectuais e sociais se efetuaram contra a sua vontade. Era lógico, fatal, que se voltassem contra ela: é o que ocorre no momento presente.

Por muito tempo, na França, ligada à Concordata, incessantemente se manteve em luta surda e sistemática com o Estado. Essa união violentada, que durava havia um século, devia necessariamente terminar em divórcio. A lei da Separação acaba de o pronunciar. O primeiro uso que a Igreja fez de sua liberdade, aparentemente reconquistada, foi lançar-se nos braços dos partidos reacionários, provando, com esse gesto, que nada, há um século, aprendeu nem esqueceu.

Tornando-se solidária dos partidos políticos ultrapassados, a Igreja Católica, sobretudo a da França, por isso se condenou a morrer no mesmo dia que eles e da mesma morte: a impopularidade. Um papa brilhante, Leão XIII, tentou, por um

tempo, livrá-la de todo compromisso direto ou indireto com o elemento reacionário; mas não foi escutado nem obedecido.

O novo papa, Pio X, retomando a tradição de Pio IX, seu predecessor, não achou nada melhor para fazer do que aplicar as doutrinas do Sílabo^[1] e da Infalibilidade. Sob a vaga denominação de *modernismo*, ele acaba de anatematizar a sociedade moderna e combater qualquer tentativa de reconciliação ou de conciliação com ela^[2]. A guerra religiosa ameaça eclodir nos quatro cantos do país. O prestígio de grandeza que, à força do gênio diplomático, Leão XIII havia assegurado à Igreja, desvaneceu-se em alguns anos. O catolicismo, relegado ao domínio da consciência individual e privada nunca mais viverá a vida oficial e pública.

Ainda uma vez perguntamos: qual é a causa profunda desse enfraquecimento da instituição mais poderosa do universo?

Em nossa opinião, há somente uma causa profunda que possa explicar esse fenômeno. Os políticos, os filósofos e os cientistas pensarão encontrá-la nas circunstâncias exteriores, em razões de ordem sociológica. Nós a procuraremos no próprio coração da Igreja. É de um mal orgânico que ela morre, nela o foco da vida apagou-se.

A vida da Igreja continha em si o espírito de Jesus. O sopro de Cristo, esse divino sopro de fé, caridade e fraternidade universal era assim o motor desse vasto organismo, a peça mestra de seu funcionamento vital. Ora, há muito tempo o espírito de Jesus parece ter abandonado a Igreja. Não é mais a chama do Pentecostes que irradia nela e ao seu redor; essa chama generosa apagou-se e não se encontra nenhum Cristo para reavivá-la.

Outrora ela foi, entretanto, grande e bela, senão caridosa, a Igreja de França. Foi o asilo dos mais elevados espíritos, das mais nobres inteligências. Nos tempos bárbaros, era ao mesmo tempo a ciência e a filosofia, a arte e a beleza, a fé e a prece. Os grandes mosteiros, as abadias célebres tornaram-se os refúgios do pensamento. Neles se conservaram os tesouros intelectuais, os vestígios do gênio antigo. No sécu-

[1] N. T. - Documento publicado por Pio IX em 1864, e que contém vários pontos de filosofia moral e direito público.

[2] Vide, no fim do volume, nota complementar n° 11.

lo XIII ela inspirou uma bela parte do que o espírito humano produziu de mais precioso. Dominava todos aqueles homens rudes, aqueles bárbaros apenas civilizados, e com um gesto os curvava na atitude da oração.

E agora ela não vive, não mais brilha senão com o reflexo de sua grandeza passada. Onde estão hoje, na Igreja, os pensadores e os artistas, os verdadeiros sacerdotes e os santos? Os pesquisadores de verdades divinas, os grandes místicos adoradores do belo, os sonhadores do infinito cederam lugar aos políticos combativos e interesseiros. A casa do Senhor se transformou em banco e em tribuna. A Igreja tem um reino que é deste mundo e nada mais do que deste mundo. Já não é o sonho divino que a persegue, mas ambições terrestres e uma arrogante pretensão de tudo dominar e tudo dirigir.

As encíclicas e os cânones substituíram o sermão da montanha e os filhos do povo, as gerações que se sucedem, têm por guia apenas um catecismo bizarro, atulhado de noções incompreensíveis, no qual se fala de hipóstase, de transsubstanciação; um catecismo que não poderia servir de um socorro eficaz nos momentos difíceis da existência. Disso procede à irreligião da maioria. O culto de uma certa madona chegou a render até dois milhões por ano, mas não há uma única edição popular do Evangelho entre as mãos dos católicos.

Todas as tentativas de fazer penetrar na Igreja um pouco de ar e de luz e uma espécie de sopro dos novos tempos, foram sufocadas, reprimidas. Lamennais, H. Loyson, Didon, foram obrigados a se retratar ou abandonar o “regaço”. O abade Loisy foi expulso de sua cátedra.

Curvada, há séculos, sob o jugo de Roma, a Igreja perdeu toda a iniciativa, toda a força viril, toda a veleidade de independência. A organização do catolicismo é tal que nenhuma decisão pode ser tomada, nenhum ato consumado, sem o consentimento e o sinal do poder romano. E Roma está petrificada em sua pose hierática qual estátua do Passado.

O cardeal Meignan, falando do Sacro Colégio, dizia um dia a um amigo meu: “Lá estão eles, os setenta anciãos, curvados não sob o peso dos anos, mas das responsabilidades, cuidando para que nem um iota seja retirado do depósito sagrado,